

Sucessos e contradições da indústria goiana no ano 2000

Muitos brasileiros costumam esquecer o ano findo, sempre que se inicia um novo. Talvez porque, há cerca de duas décadas, a maioria das empresas vem lutando para sobreviver, mas sem uma perspectiva de crescimento firme, fundamentada em resultados positivos já alcançados.

Luta-se contra a inflação, a recessão, a concorrência internacional - muitas vezes predatória - as altas taxas de juros, o crescimento do custo com segurança, a ganância arrecadadora dos governos e tantas outras coisas, que acabam levando os resultados que o trabalho árduo e a dedicação deveriam produzir para os empresários e seus empregados.

Apesar disso, o Brasil parece renascer das cinzas, a cada vez que um escândalo político, uma crise cambial ou uma conjuntura internacional adversa ameaçam levar de vez a esperança de seu povo.

Uma reflexão sobre os resultados da indústria goiana no ano 2000 aponta para um novo horizonte, mais aberto, menos turvo, que nos permite sonhar com um futuro próximo de progresso e de mais empregos, uma vez que a maioria dos indicadores básicos, utilizados para analisar o desempenho dos diversos setores industriais de Goiás, apresentaram resultado positivo, indicando que o ano passado, se não se tornou inesquecível, também não pode ser desprezado como um ano em que nada de bom tenha acontecido.

Apesar da queda de vendas em alguns setores, apresentada pela pesquisa de indicadores industriais da FIEG/CNI, houve evolução positiva do emprego, a massa salarial experimentou aumento real, utilizou-se mais a capacidade instalada das indústrias. Muitas empresas iniciaram seu processo produtivo em solo goiano. Foi iniciada a implantação e a expansão de novas plantas industriais, com destaque para os projetos dos setores de extração mineral, metalurgia, farmacêutico, produção de alimentos, curtimento de couros, dentre outros.

Os empregos tiveram um aumento de 1,78% na indústria de transformação e extração mineral, em relação ao ano anterior, conforme apurou a pesquisa de indicadores industriais. Dados do CAGED do Ministério do Trabalho e Emprego, que registram toda a movimentação de empregos durante o ano, apresentam uma realidade ainda mais expressiva com aumento de emprego da ordem de 12,23% na indústria de transformação, 16,15% na indústria da construção e -0,36% na indústria de extração mineral.

Os resultados positivos, entretanto, indicam apenas a recuperação de vagas perdidas em anos anteriores e não foram uniformes para todos os setores, conforme evidencia a tabela a seguir.

A expansão do emprego, somada à obtenção de ganho real de salários por alguns setores, provocou aumento da massa salarial líquida, paga pelas indústrias pesquisadas pela FIEG, da ordem de 3,30%, resultado esse que pode ser considerado bastante positivo.

A utilização da capacidade instalada, a exemplo dos indicadores de emprego e salário, também apresentou crescimento (1,36%), ultrapassando a casa dos 80% e indicando que a produção industrial cresceu em relação ao ano anterior.

O índice de utilização das instalações aponta para a necessidade de expansão da capacidade de produção das indústrias pesquisadas, especialmente no setor de produção de alimentos, que chegou a ocupar 89,02% da sua capacidade produtiva.

Muitas dessas empresas já vêm expandindo suas plantas, o que aponta para a tendência de crescimento das vendas e dos demais indicadores da pesquisa, a curto e médio prazos.

O setor alcooleiro é o que apresentou o menor índice de utilização da sua capacidade instaladas (54,39%), tendo em vista tratar-se de indústrias que operam apenas uma parte do ano, ficando na dependência da safra de cana-de-açúcar.

Paradoxalmente, as vendas das indústrias goianas caíram 7,55% em relação ao ano anterior, já descontada a inflação do período, o que contraria também a constatação de crescimento de vendas verificada pela pesquisa de âmbito nacional, realizada pela CNI, na qual dois terços dos Estados pesquisados apresentaram expansão de faturamento no ano 2000.

Não se pode, no entanto, afirmar que houve queda da indústria goiana como um todo, uma vez que, no decorrer do ano, muitas novas plantas industriais iniciaram seu processo produtivo em solo goiano, mas sua produção não foi, ainda, pesquisada.

Os principais motivos identificados como relevantes para a queda das vendas industriais foram a acirrada concorrência, notadamente no setor de produção de alimentos, e a reestruturação de algumas empresas de grande porte, cujo processo de mudança resultou em retração temporária de produção e faturamento.

As exportações goianas apresentaram desempenho surpreendente, no ano, com total exportado chegando a U\$ 544,7 milhões, representando crescimento de 76,17% em relação ao ano de 1999.

Como tem ocorrido nos anos anteriores, as exportações apresentaram maior volume no item "básicos", seguidos pelos "semimanufaturados", indicando ser o Estado um exportador de matérias-primas, de baixo valor agregado, o que ressalta a necessidade de que as classes empresariais e o governo estadual continuem empreendendo esforços no sentido de agregar

mais valor aos produtos goianos, mediante a intensificação do processo de industrialização das matérias-primas no próprio Estado.

O "complexo soja" continuou na dianteira, com mais de 60% das divisas geradas pelo Estado de Goiás. Os bens intermediários, representados por alimentos e bebidas destinados à indústria e insumos industriais, responderam por 89,1% do total exportado, ficando os bens de consumo não duráveis com 10,6%.

A exportação de bens de consumo duráveis foi quase inexistente, com apenas 0,02%.

As importações também apresentaram crescimento (17,48%), resultando em um saldo positivo da balança, da ordem de US\$ 107,7 milhões, ou 31,34%.

Os produtos mais expressivos na pauta de importações foram os automóveis e componentes automotivos, com mais de 20% do valor total importado.

O maior importador de produtos goianos foi a Holanda (Países Baixos), com 30,94% do total, seguido pelos Estados Unidos, com 11,37%.

O grande exportador para Goiás foi o Japão, com 30,35% do total importado pelo Estado.

A retração de vendas, não arrefeceu o ânimo dos empresários goianos, segundo a pesquisa de Sondagem Industrial, realizada pela FIEG/CNI, onde o índice de expectativas, de 68,2, aponta para crescimentos da atividade industrial no início de 2001 já que índices acima de 50 indicam avaliação positiva.

A maioria das empresas espera que as vendas aumentem no 1º trimestre do ano, com maior destaque para as pequenas e médias.

É esperada uma redução no ritmo de crescimento das exportações nos primeiros meses do ano mas, mesmo assim, elas deverão crescer; não havendo expectativa de redução das vendas decorrentes de exportações pela indústrias goianas.

Computados os pontos positivos e os negativos no resultado global do setor industrial em Goiás, no ano 2000, é possível à FIEG deduzir que foi um ano bastante positivo, apontando para dias ainda melhores em 2001.